

CARTA PROGRAMA – CHAPA ContraCoroa para APG USP-Capital

Diante da conjuntura atual da USP, com o avanço da repressão – expresso pelas prisões e pelos processos judiciais e administrativos contra estudantes, funcionários e professores –, diante das alterações do regimento de pós-graduação que acentuaram a degradação do papel da Universidade como espaço do livre pensamento, acreditamos que a formação de uma gestão para a APG deve refletir o acúmulo dos debates e reivindicações que o movimento de pós-graduandos realizou no último período, em especial durante a greve de 2011/2012.

Uma gestão para a APG deve ser capaz de fomentar uma mobilização ampla e abrangente e orientada por pautas que possam criar unidade entre os diferentes setores do movimento estudantil.

HÁ DICOTOMIA ENTRE A LUTA CONTRA A REPRESSÃO E A LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA USP?

O movimento de pós-graduandos pode qualificar os debates que vêm sendo travados. É de fundamental importância superar algumas das falsas dicotomias que têm sido criadas em torno da luta contra a repressão e a PM – que nortearam a greve – e da atual campanha por democratização na USP que circula em torno da Comissão da Verdade.

A luta contra a PM no campus e o questionamento ao caráter militar da polícia que o movimento de 2011 assinalou, bem como a urgente luta defensiva contra os arbitrários processos administrativos e contra a possibilidade de eliminação de estudantes, dão concretude à pauta de democratização. A campanha pela democratização da USP só perde ao se descolar da campanha contra a PM, sob risco de se tornar um exercício abstrato de exegese. Os porões da ditadura estão muito vivos no momento para nos darmos ao luxo de que os crimes cometidos agora – em pleno governo civil – sejam investigados por nossos netos.

Por isso, não consideramos que as pautas da comissão da verdade ou pela democratização da USP sejam menores – assim como o próximo congresso dos estudantes da USP, organizado pelo DCE –; longe disso, apenas acreditamos que essas iniciativas têm que estar vinculadas à defesa imediata dos estudantes, trabalhadores e diretores do Sintusp, que correm o risco iminente de eliminação da universidade, assim como têm que estar vinculadas a um repúdio a todas as arbitrariedades que a PM tem cometido dentro da Universidade de São Paulo e em outras universidades brasileiras, como a Unifesp.

Isso se dará na medida em que se fizer um esforço permanente para que todas as entidades organizativas da USP (DCE, ADUSP, SINTUSP, APG, CA's e grêmios) foquem sua ação por meio da luta concreta, uma vez que a reitoria está mais do que apta para neutralizar as contestações que se expressam dentro das regras do jogo atuais, vide o esvaziamento do CO e a centralização de poder e os desmandos por parte das novas superintendências.

Por luta concreta entendemos a organização de uma frente de unidade que possa confrontar e superar os ataques constantes que a burocracia vem desferindo contra a comunidade universitária. Uma luta que seja capaz de – ao superar os sectarismos e a defesa partidária de pautas particulares – reerguer o movimento nos cursos e reeditar as grandes manifestações e assembleias que realizamos.

Aliada a esse eixo central de atuação, a gestão da APG deverá tomar para si a responsabilidade de discutir com os pós-graduandos qual – afinal – é o projeto de universidade que queremos. Rodas não tem um projeto, os burocratas não têm um projeto, o que nos é apresentado a cada dia – e a reforma do regimento de pós deixou isso claro – é a miséria e a degradação de um projeto falido, que aposta cada vez mais no silenciamento das vozes, e na edificação de uma unidade de negócios na USP.

Para fazer esse debate, a APG deve apostar nos métodos que a burocracia nos nega. Espaços de diálogo e de auto-organização dos estudantes: as assembleias, e os fóruns de discussão e deliberação das nossas propostas.

Nesse sentido, a APG deve contemplar espaços de apoio à heterogeneidade de motivações que existem entre os estudantes. O fato de uma gestão ter um programa sintético e orientado politicamente com centralidade para a questão da repressão-democratização não deve fazê-la surda a outras demandas. Ao contrário, a APG deve ter um segmento de sua gestão que tenha a tarefa de viabilizar projetos dos estudantes e – na medida do possível – articulá-los.

Entretanto, não tomaremos essas demandas diversas como plataformas de chapa, de modo oportunista ou eleitoral. Entendemos que elencar uma série de itens num programa, em vez de contemplar a diversidade de interesses que conformam a realidade dos estudantes, pode ser apenas uma forma de obscurecer a urgente necessidade de unidade que é tão fundamental no momento. Essa unidade não se constrói com a justaposição de demandas apartadas. Precisamos de unidade no dissenso, de unidade na luta.

Companheiros, é com unidade que vamos derrotar o Rodas!

